



Facultad de
Humanidades y
Ciencias
de la Educación

Instituto de
Educación

A DANIFICAÇÃO DA FORMAÇÃO A PARTIR DE NIETZSCHE E ADORNO

Maria dos Remédios de Brito¹

RESUMO: O sentido de formação (*Bildung*) como cultivo, aperfeiçoamento, trato intelectual, avanço espiritual e cultural tem-se diluído cada vez mais nos últimos tempos da era moderna. O declínio cultural e formativo não é recente. Nietzsche examina a depauperização generalizada da formação e da cultura em sua época. Do mesmo modo, Adorno não deixou de argumentar e discutir sobre essa questão. Como filósofos da cultura suas preocupações são de extrema pertinência para os dias atuais. Este artigo tem como objetivo pensar a partir do pensamento de Nietzsche e Adorno a decadência da formação (*Bildung*). Toma-se dois conceitos importantes de Nietzsche que são: o além-do-homem e último-homem este último sendo compreendido como face caricatural da danificação da *Bildung*, e procura-se demonstrar que tal danificação é intensificada cada vez mais pela indústria cultural na contemporaneidade, conceito trabalhado por Adorno. Conclui-se que a formação moderna encontra-se esfacelada, sendo construtora da formação cabal do último-homem.

Palavras-Chave: Adorno. Além-do-homem. Danificação da *Bildung*. Nietzsche. Último-homem.

¹ Dra. em Filosofia da Educação pela UNIMEP/Piracicaba-São Paulo; Pós-Doutora em Filosofia da Educação pela UNICAMP/Campinas –São Paulo. Professora da Universidade Federal do Pará – Instituto de Educação em Ciências e Matemáticas/ Faculdade de Educação Científica e Matemática. Trabalha as disciplinas: “Filosofia da Educação” e “Bases Epistemológicas da Ciência”. Membro do grupo de pesquisa e estudos em “Cultura e Subjetividade” - CNPq. Atualmente desenvolve pesquisa sobre a temática da “Filosofia da Diferença, Formação e Subjetivação”. Email: mrb@ufpa.br; mrdbrito@hotmail.com

THE FORMATION DAMAGE FROM NIETZSCHE AND ADORNO

ABSTRACT: The formation sense (*Bildung*) as creativity cultivation and improvement, intellectual support, spiritual and cultural progress has been diluted more and more in the last decades of the Modern Age. That cultural and formative decline is not recent. Nietzsche examined the formation and culture's widespread poverty in his time. In the same way, Adorno also analyzed and discussed on that matter. As philosophers of the culture, their concerns are pertinent nowadays. This paper has as its objective to analyze the decadence of the formation from Nietzsche and Adorno's thoughts. It considers Nietzsche's two important concepts: the overman and lastman - this one understood as the caricatural face of the *Bildung* damage. It also tries to demonstrate that such damage is intensified more and more by cultural industry in the Contemporary Age, concept used by Adorno. It concludes that the modern formation is ruined and that it is responsible for building of the lastman's accurate formation.

Keywords: Adorno. Overman. *Bildung* damage. Lastman. Nietzsche

No prólogo da obra “Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém²” de Friedrich Nietzsche, o personagem central Zaratustra vai para a montanha, onde fez seu recolhimento, sua escuta, sua intensificação pessoal, sem esquecer a produção, a cultura, a civilização dita racional. Lá ocorreu um eco de um sublime espírito, que, pelo esforço e força de desfazer o “desligamento” com tudo que é rebaixado, pôde conduzir e produzir a si mesmo. O “si mesmo” não é postulado como uma propriedade que se dispõe e se toma como controle, ou mesmo uma estabilidade para uma identidade, não é algo enclausurado pelos seus valores, sem que isto queira demandar um itinerário fixado. Como um trabalho de reconstituição e transmutação, ele aflora outros sentidos. Foi pela dor, pelo horror, que Zaratustra fez o afastamento, mas é também pelo seu conhecimento que ele pretende retornar à vida. Então, é pela retomada de si mesmo, pela manifestação da retirada do lugar familiar, pela busca da estranheza por um certo tempo, pela caracterização da extrapolação ao ver o que está vulgarizado pela palavra, pelo costume, que ele efetiva para si mesmo um outro olhar: não mais ver de lado ou de baixo. Mas é de cima da montanha que Zaratustra percebe o que é “vulgarizado” pelas crenças e verdades que podem ser postas em outros eixos, inclusive a sua própria vida. Ele foi para a montanha já com um processo de reflexão e, após todo seu amadurecimento, sentiu necessidade de descer, quer mergulhar nas profundezas, quer sentir a vida em sua profundidade, quer doar, quer oferecer um brinde ao homem. Depois de todo seu processo de transmutação, sem completude, pois não deseja a conservação, ele dirige-se ao povo, reunido na praça do mercado, mostrando-se como um presenteador, alguém que leva um brinde, expondo, assim, a sua abertura perante o outro. Ele quer ensinar o que seja o além-do-homem (Übermensch).

² “Publicado em quatro partes, entre 1883 e 1885, Assim Falou Zaratustra (...) é o trabalho de Nietzsche que mais dificuldades apresenta à interpretação. Nele os ensinamentos e experiências do personagem, – título são apresentados como um drama em prosa, em cuja narrativa se combinam os mais variados elementos estéticos de gênero e estilo. (...) Assim Falou Zaratustra condensa efetivamente todos os focos de interesse que constituem o âmago do pensamento de Nietzsche: a desconstrução da metafísica, a denúncia da hipocrisia moral, as preocupações com a educação, a política e o destino da cultura, a crítica ao Estado” (GIACOIA, J. O . Nietzsche. São Paulo: Publifolha, 2001: 55).

Segundo Scarlett Marton (2001: 26), Zaratustra procura introduzir uma estratégia de comunicação: o além-do-homem está por vir. Diz Nietzsche, “eu vos ensino o além-do-homem. O homem é algo que deve ser superado. O que fizestes para superá-lo?” (NIETZSCHE, 2011: 13). Ele é o sentido da terra, não seria então o ser que Zaratustra coloca acima, já demarcando que sua comunicação vislumbra a criação, a avaliação humana, demasiadamente humana. Por isso:

Eu vos imploro, irmãos, *permanecei fiéis à terra* e não acrediteis nos que vos falam de esperanças ultraterrenas! São envenenadores, saibam eles ou não. São desprezadores da vida, moribundos que em si mesmos envenenaram, e dos quais a terra está cansada: que partam, então! (NIETZSCHE, 2011: 14).

Tudo isso foi recebido com desprezo e zombaria. Zaratustra tenta mostrar para o povo quais condições de embuste ele está submetido, como a negatividade se impôs e debilita todo o poder criador do indivíduo. De forma quase insistente, pede o sentido da terra, ao mesmo tempo em que procura denunciar os envenenadores, os moribundos, os desprezadores da vida. Logo mais, tenta mostrar para o povo que o homem é uma corda estendida entre o animal e o além-do-homem:

O homem é uma corda, atada entre o animal e o além-do-homem - uma corda sobre um abismo. (...) Grande, no homem, é ser ele uma ponte e não um objetivo: o que pode ser amado, no homem, é ser uma *passagem* e um *declínio* (NIETZSCHE, 2011:16).

Ele quer demarcar que o além-do-homem é uma disposição para oposição ao homem moderno, para os homens bons, cristãos e outros niilistas,

uma disposição para um novo pensar, ou seja, para a necessidade de se perguntar sobre o próprio homem: quem é ele? Qual o seu sentido?

Ele não é como uma essência autêntica do homem. Retirando desde já qualquer noção metafísica e religiosa sobre a compreensão de homem, ele vem confrontar a grande náusea com a necessidade de afirmar novos valores, ou seja, ele se mostra como uma analogia que vem destacar a grande miséria, a sujeira de toda cultura e aqueles que a produzem, mas, por outro lado, ele é o rosto da grandeza humana. Sua grandeza está em ser uma corda estendida, ela é a ponte entre a besta humana e o além-do-homem (NIETZSCHE, 1988). O que é rico e digno de amor é exatamente não se colocar como um fim, uma fixidade, mas uma travessia, uma transição, uma passagem. Por isso, longe da conservação, ele é um abismo, uma vida em construção, em disposição, não um progresso a ser alcançado.

O além-do-homem seria o tipo homem liberto das crenças, dos conceitos fixados, das verdades, dos dogmas, dos valores absolutos, capaz de compreender que a moral e a ciência não passam de questões envolvidas por interesses e não podem ser vistas apartadas destes. O além-do-homem não pode ser compreendido como natureza humana. Ele é só um sentido, o sentido do ser do homem, do ser da terra, ou seja, é visto como uma exigência e não como uma realidade (MACHADO, R. 1997: 49). Ele é tão somente um homem livre, que não vê mais valores absolutos e crenças determinadas. A sociedade e a cultura são desmascaradas, pois dentro delas há organizações que giram em torno de normas, de leis, de deveres, de direitos, que emanam uma diversidade de interesses e de poder. O além-do-homem não deixa de ser uma viabilidade de crítica e de denúncia que Nietzsche utiliza para fazer a sua crítica, mostrando a insuficiência da cultura do seu tempo.

Ele apresenta o homem como alguém que está caminhando, como uma passagem, não como um fim em si mesmo. Seu grande valor está em saber atravessar seu próprio abismo. Portanto, o que deve ser superado é o homem sobre o homem, o obstáculo não é outro, mas ele mesmo. Neste contexto, do ponto de vista formativo, Zaratustra nos proporciona uma imagem educativa,

oferecida pela figura do além-do-homem, que é de fundamental importância para a educação, no sentido de que pode levá-la a repensar a própria noção de homem que a educação tanto fala. Zaratustra vê o homem não como uma essência, como algo imutável, mas em um efetivo processo de superação de si, que recusa, assim, qualquer princípio de conservação.

O sentido humano da imagem do além-do-homem coloca é de um tipo que está em formação constante, que não tem um fim em si mesmo, que não está acabado e nem essencializado. Com isso, Nietzsche reforça sua análise antiteleológicas e antimetáfisicas. O valor do homem está exatamente em ter essa capacidade de superação, de invenção e de travessia. O homem não é uma criatura semelhante a Deus e, por outro lado, não tem um "eu" acabado, esperando por alguém que o desperte. O humano é muito mais do que tudo isso que o classifica. As visões metafísicas devem ser derrubadas, questionadas, já que são efetivamente nocivas para se perceber os homens enraizados como criadores e produtores de si. Pensar o homem a partir do olhar nietzscheano é percebê-lo como inventor, avaliador, produtor, inserido na sua imanência da vida. Aqui, pode-se dizer que Zaratustra sugere uma formação (*Bildung*) que esteja além da viabilidade da linearidade, da noção de saída da minoridade para maioridade, mas uma formação que esteja além da mera conservação e aponte para um tipo que saiba conviver com o devir, indicando algo para além da atualização de um ser, de uma essência, mas para um transmutar a si mesmo. Por isso, a ideia de superação atua como uma dinâmica impulsionadora de forças e intensificações que não permite a chegada e o lugar comum, tais como querem as ideias conservadoras da vida.

A defesa formativa que inspira essa imagem é de uma educação para a superação, que exprime uma corporeidade rigorosa em imaginação, que esteja para além dos limites impostos pelo dever ser, que não seja condicionada e se deixe levar pela facilidade, pela felicidade imediata, mas um tipo que saiba exercitar o esquecimento como força plástica curativa, regeneradora. Zaratustra é esse tipo que desafia o peso de toda fixidade. Por isso, sua imagem representa um estado de leveza, mas também de uma dura atividade

de criação de si mesmo, seu trabalho não é fácil diante de uma vida que perdeu a poesia, a paixão e a experiência de si. Essa é uma das perspectivas mais difíceis de realizar.

O homem, apresenta Zaratustra, deve superar o que está debilitado em si, o embuste cultural pelo qual lhe foram impostos tanto os valores da tradição como o ritmo da produção e do consumo. É essa a grande insistência de Zaratustra. Esse é seu labor.

Nietzsche insiste em falar de um homem que deve ser superado. É bom lembrar que o sentido da superação não pode ser visto como processo evolutivo, não é uma meta, uma finalidade, também não tem o sentido de superar uma raça por outra superior. Mas há aqui um impasse por parte do além-do-homem de Nietzsche, pois ele não apresenta no texto de Zaratustra desenvolvimento satisfatório de explicitação. Vale ressaltar também que a superação do homem não pode ser compreendida sob o olhar da metafísica dualista, como a substituição do corpo pela alma, por exemplo, pois não é um espírito e não pode ser compreendido como uma espécie humana superior.

Ele é entendido como aquele que recusa o extraterreno e afirma a terra e a vida como elas são. Ele é essa vontade de afirmar, de construir, de transvalorar, procurando um outro tipo de razão. Por isso é que se entende que o além-do-homem define o "sentido a terra" como uma crítica corrosiva às compressões metafísicas e religiosas do homem, pois Zaratustra destaca a terra como a casa da criação. Sendo, então, o sentido da própria existência humana, ele é a busca de superar o nada querer, o niilismo deixado pela morte de Deus, pois o homem que sentiu as profundezas da decadência só tem sentido se souber inventar. Zaratustra mostra uma tensão: o sentido da existência se dá somente com a criação do além-do-homem? Ele é o único caminho? É bom notar que Zaratustra não fala do além-do-homem como alguém que possa escravizar e dominar os últimos-homens. Antes estes são vistos como tipos. De toda forma, o discurso de Zaratustra ao povo tem um teor extremamente provocativo, ele quer tocar na própria vontade para despertá-la e movimentá-la para além do niilismo ou mesmo quer tocar

profundamente na cultura do sono, ou seja, quer despertar o homem da sua sonolência, daquilo que o deixa sem força e sem comando. Contudo, essa imagem manifestada por Nietzsche não deixa de ser uma ironia, uma provocação à cultura menor, esta que já não tem capacidade de formar, de legislar, de criar, mas só tem mostrado exageros, caricaturas e existências precárias.

Zaratustra deseja evocar ilustrativamente uma espécie de educação da vontade de criação com essa figura que expõe na praça do mercado, que seja capaz de despertar o homem da banalidade, da irresponsabilidade e da diversão, buscando uma profunda responsabilidade formativa através de um esforço que leve a humanidade a pensar para além do imediato, pois requer a intensificação do próprio existir, da sua própria direção. E para isso seu movimento deve ser viabilizado pela criação.

A alegoria dessa figura pode ser entendida como um pensamento que seja suficientemente forte, capaz de fazer a leitura de um mundo empoeirado, envernizado pela superficialidade. Ele é essa manifestação. Essa força que sugere ao homem a possibilidade de reverter a desordem que a racionalidade e a tecnificação moderna levam ao indivíduo. Dele emana acima de tudo a coragem do homem dispor da sua própria lei, submeter-se ao seu próprio comando, o que logicamente é muito difícil diante de um mundo que é vigorado pela lei da mesmice. O homem parece estar diluído. Há nele, sobretudo, o espírito pacificador de um indivíduo resignado aos ditames da cultura pesada e sonolenta que reforça a imagem da homogeneização do humano e seu aplanamento.

Longe dos esquemas, das articulações menores, essa figura pretende romper com os valores massificados para que a vida possa fazer sua superação. O exercício educativo que permite essa imagem articula-se a partir de uma "transmutação" de todos os valores vigentes.

O homem nivelado, agora, deve tornar-se apenas uma pré-condição para que o tipo maior e inventor possa aparecer. É na insistência de evidenciar essa vida barata que o justificador pode emergir.

Quando Zarathustra destaca o tipo além-do-homem é para ampliar a crítica daquilo que ele já percebia, “a barbárie civilizada”. É necessário denunciar o contentamento visto na praça do mercado. Essa é a tarefa que Zarathustra procura mostrar para aqueles homens que ainda podem ouvir. Esse é um dos ensinamentos que ele expõe. Por isso, quer tocar no orgulho, na virtude e no próprio desprezo, pois talvez o temor de se ver diluído, enfraquecido, possa promover a vontade de afirmação de outras tábuas de valores. Mas Zarathustra fora tratado com escárnio pelo povo. Suas palavras não tiveram importância. Assim, disse para seu coração: “não me compreendem, não sou a boca para esses ouvidos” (NIETZSCHE, 2011:17). Ele só estava convidando-os para tornarem-se criadores. Então diz: “.falarei do que é mais desprezível: ou seja, do *último-homem*”. (NIETZSCHE, 201:17), do amor do último-homem (letzten Menschen) e do perigo deste e anuncia o que Adorno exacerba na contemporaneidade pela força destrutiva da indústria cultural. Diz Nietzsche:

Que é amor? Que é criação? Que é nostalgia? Que é estrela? Assim pergunta o último-homem, e pisca os olhos. A terra se tornou pequena então, e sobre ela saltita o último-homem, que torna tudo pequeno. Sua estirpe é indestrutível, como a pulga; o último-homem é o que mais tempo vive. "Nós inventamos a felicidade", dizem os últimos-homens, e piscam os olhos. Abandonaram as regiões onde é duro viver, pois a gente precisa de calor. A gente, inclusive, ama o vizinho e se esfrega nele, pois a gente precisa de calor. Adoecer e desconfiar, consideram-no perigoso: a gente caminha com cuidado. Louco é quem continua tropeçando com pedras! E com homens! Um pouco de veneno, de vez em quando, produz sonhos agradáveis. E muito veneno, por fim, para ter uma morte agradável. A gente continua trabalhando, pois o trabalho é um entretenimento. Evitamos, porém, que o entretenimento canse. Já não nos tornamos nem pobres, nem ricos: as

duas coisas são demasiado molestas. Quem ainda quer governar? Quem ainda quer obedecer? Ambas as coisas são demasiado molestas. Nenhum pastor e um só rebanho! Todos querem o mesmo, todos são iguais: quem sente de outra maneira segue voluntariamente para o manicômio (...) (NIETZSCHE, *apud* GIACOIA, O. 2001: 16)

A figura do último-homem mostra uma humanidade que não tem grandeza, não há caos dentro de si, tudo se encaminha para a tranquilidade e harmonia. Ele não sabe o que é criação, o que é amor. Condenado à mediocridade, torna-se igual e uniforme, esse é o homem da praça do mercado, Zarathustra constata. Esse homem faz parte de uma cultura minguate, que põe o homem como massa de manobra em todos os sentidos da vida, portanto, tal figura é pobre, obediente, contentando-se com pequenas coisas e é esse tipo que vigora na época de Nietzsche. Tal figura pode ser vista como ameaça à cultura e à educação cultivadas. E essa ameaça não passa do resultado representado pela noção do esclarecimento, do racionalismo, da tecnificação da vida e do indivíduo, da mecanização e até mesmo do atrofiamento da sensibilidade, o que leva a um paradoxo: ao mesmo tempo em que a modernidade nos conduz para o avanço da técnica, da ciência e do esclarecimento, ela desemboca num sutil reverso do próprio homem, levando-o ao seu declínio e empobrecimento. Por isso, a noção de progresso, dada pelo trabalho da razão, do cultivo da ciência, se volta, por outro lado, contra o homem, com todo seu teor de perversidade e aniquilamento de todas as suas possibilidades criativas.

Como nos faz pensar Adorno e Horkheimer na “*Dialética do Esclarecimento*” (1985), o horror, a dor, o medo do cotidiano gerado pela razão dita esclarecida, instrumental, promovem o abandono, a desensibilização e o esmagamento do indivíduo. Refletir sobre esse paradoxo é visualizar uma relação processual de razão e desrazão. O esclarecimento, que tinha como objetivo maior promover o desencantamento, livrar os homens do medo, é “radicalização da angústia mística” (1985: 29), assim tal esclarecimento parece se colocar como um ditador frente aos sujeitos.

O homem pagou um preço muito alto por aquilo que ele chama de progresso, pois tudo que foi prometido pela sociedade, pelo conhecimento e pela cultura não deixou de ser um mero malogro, em que a instrumentalização é o fio condutor da dominação.

Como se pode notar, em épocas diferentes, Adorno e Nietzsche não deixaram de pensar sobre essa pobreza da vida e do homem, como dizem: a vida e o mundo foram também obscurecidos pelo esclarecimento, aos poucos se foi reduzindo a criatividade, a atividade reflexiva, e, ao mesmo tempo, ao indivíduo, paulatinamente inibido, restou apenas a possibilidade de viver de forma medíocre. Este, por outro lado, foi perdendo seu potencial de crescimento, de superação, produzindo um corpo dócil, para usar um termo de Michel Foucault (1987), um corpo debilitado. Porém, o último-homem tem o máximo orgulho do seu saber, da sua cultura, exatamente o que lhe ofusca os olhos, que lhe faz morder a língua e embotar seus ouvidos. Mas é esse conhecimento que acha que o faz distinguir de pastores e cabras. Por isso, o último-homem:

é caricatura satírica do ideal que animava a crença da modernidade *Aufklärung*: a convicção de que nas vicissitudes da história é preciso reconhecer a laboriosa e heróica peregrinação do gênero humano, na curva de um progresso infinito, em busca do fim último de sua existência: a consecução da felicidade e da bem aventurança sobre a terra, o advento glorioso do primado universal da razão e da justiça. Encontramos aqui, em versão resumida o tema comum do fim da história passada como realização da essência verdadeira da humanidade. (GIACOIA, O. 2001: 15)

De forma extemporânea, o último-homem de Nietzsche, é um alerta para o tipo menor que o mundo moderno oferece para si mesmo, agora, muito mais intensificado pela indústria cultural, que promove a objetivação e danificação do

que seja humano por meio da alienação do espírito coisificado. A indústria Cultural promove um indivíduo adaptado e convertido ao prazer imediato pela exploração do mundo administrado, convertendo-o em um sujeito desprovido de um potencial crítico. A superação dessa deformação pode ser vista pela crítica de Nietzsche à formação e à cultura.

O último-homem é um malogro uniformizado pela massa sem cor e brilho, sendo levado a servir à lucratividade e à rentabilidade da sociedade administrada. Ele é a face acabada da danificação da formação da cultura. Como senhor do espetáculo, perdeu toda sua capacidade de ser criador e crítico para tornar-se mero objeto, sendo, portanto, o maior representante da racionalidade fria e mórbida, estando imerso no interior de um mundo banalizado pela comercialização, não deixa marcas e experiências criativas, pois que seus sentidos foram consumidos pela superficialidade.

O último-homem é aquele tipo que não se mostra, não pergunta, não se insinua, não provoca, que parece contente com sua degeneração, que fica extasiado pela felicidade imediata e não sente nenhuma vertigem diante da “barbárie civilizada”. Portanto, o risco do último-homem é a possibilidade de se atingir a fase mais terrível, que seria a vontade de nada, a ausência de todo amor e anseio que o homem possa ter. Esse foi o grande receio de Nietzsche, que Adorno destaca com a sua percepção na era da indústria cultural. Pode-se dizer que tanto Nietzsche e Adorno, observaram a decadência da vida e diagnosticaram a automatização do mundo industrializado, que não deixou de empobrecer a formação e a vida.

A instrumentalização do sistema afetou de forma cruel a própria constituição formativa do homem, assim os sintomas do colapso cultural e formativo que fazem observar em todas as partes são imanente ao sistema, como pontua Adorno no seu texto “*A teoria da semiformação*” (1996). O horror formativo parece estar generalizado. A formação se torna mera mercadoria a ser vendida a qualquer preço, o cliente pode propor a sua oferta. Então, o que fazer com essa formação que parece esfacelar e dinamitar o indivíduo? O que fazer com essa pobreza generalizada que vigora e cria raízes profundas pela

indústria cultural? A crítica já é um grande começo numa época que nega a capacidade de refletir e pensar.

Assim, o último-homem de Nietzsche pode ser visto na intensificação caricatural desse homem atual, acomodado e feliz pelo consolo da mercadoria, aquele que caminha na multidão e, por isso, deixou de efetivar sua singularidade para ser diluído pelo conforto e pelo prazer. Esse tipo, exhibe a imagem da consciência reificada, sendo incapaz de produzir e experimentar. Ele é o representante da felicidade e da justiça, indivíduo fascinado e deslumbrado pelo *glamur* da venda e da compra. Consumidor compulsivo, que perdeu de vista o componente mais importante de sua vida: a superação de si mesmo, ou na perspectiva de Adorno, a sua emancipação. Portanto, pode-se inferir que o último-homem não deixa de ser o efeito mais perverso da (de) formação da cultura gerada pela sociedade esclarecida, pois como afirma Adorno:

Por inúmeros canais, se fornecem às massas, bens de formação cultural. Neutralizados e petrificados; no entanto, ajudam a manter no devido lugar aqueles para os quais nada existe de muito elevado ou caro. Isso se consegue ao ajustar o conteúdo da formação, pelos mecanismos de mercado”. (ADORNO, T. 1996: 394)

Portanto, a (de) formação generalizada aponta para a constituição de consciências niveladas, incapazes de pensar sobre elas mesmas. Sem dúvida a face acabada da semiformação gerada pelos ditames da automatização, sem cultivo espiritual, sem sensibilidade, mostra sem máscaras o grande perigo da cristalização da consciência e da vida em uma funcionalidade reificante. Dessa maneira, uma consciência reificada é o ponto chave para a promoção exagerada da barbárie.

Pode-se dizer que as preocupações de Nietzsche e Adorno sobre a cultura e a formação atualizam a fundamental necessidade de se perceber o

declínio que vem se constituindo no aspecto cultural do indivíduo na sociedade, portanto, mostra extrema urgência de se repensar a própria ideia de formação.

Nietzsche tornou-se denunciador da imagem bizarra daquele que se transformou porta-voz do contentamento e de tudo aquilo que se chama progresso e tecnologia. Ele expõe tudo isso para que o homem tome consciência das coisas a sua volta, para que possa anunciar um projeto de vida fora do esgotamento, da objetivação e da padronização. Não é à toa que ele procurou colocar em xeque aquilo que é mais perverso, ou tudo aquilo que se mais preza - a cultura filisteia- pois esta, em última instância, leva ao perecimento, ao aplanamento, a danificação e a desertificação da vida.

O último-homem de Nietzsche não deixa de ser o exemplo mais típico da mais aberrante figura que a sociedade massificada e irracional tende a formar, Zaratustra que visualizou sua presença na praça do mercado e que Adorno radicaliza sua face na era da indústria cultural. Isso é evidente, pois parece que o indivíduo está dissolvido diante dos mecanismos socioculturais.

Pode-se dizer que a (de)formação serve para intensificar a forma do último-homem, dando ao homem a resignação, a fala contida, o corpo curvado. Aos poucos o indivíduo vai sendo podado em todas as suas possibilidades de criação, transformando-se em um mero repetidor de experiências alheias, negando-se a possibilidade de tornar-se senhor de si mesmo. Assim, o desejo de emancipação pela formação torna-se apenas uma promessa que a sociedade não parece cumprir. O homem é alinhado a métodos e a regras que o impossibilitam de pensar por si mesmo. É contra esse mau gosto estabelecido, essa alimentação pesada, essa vida endurecida, esse desfavorecimento da vida, que Nietzsche e Adorno procuram pensar.

Conclui-se que o texto do prólogo de Assim Falou Zaratustra nos mostra duas perspectivas formativas das quais podemos tirar proveito como leitores através de duas imagens: a do além-do-homem e a do último-homem. A primeira imagem é um projeto que não se fez realizável e nem sabemos como fazê-lo ainda, mas que provoca a necessidade de pensar outra perspectiva de

formação ligada a transmutação, a superação, ao movimento do tornar-se a si mesmo, por meio de um processo imanente. A sua relevância está em destacar sua necessidade, a sua promessa. A segunda imagem nos alerta para aquilo que ele via no seu tempo, o homem massificado, autômato, incapaz de refletir sobre si mesmo, portanto, (de)formado. Tal imagem, Adorno destaca na análise crítica e imanente da sociedade, quando fala do homem danificado pela produção da indústria cultural. O que se pode dizer que o alerta de Nietzsche sobre o tipo formativo desenhado pela figura do último-homem é uma realidade posta na figura do homem sujeito, vista por Adorno, e que sua face já vem sendo gestada pela instrumentalização da razão há algum tempo. Com isso, Nietzsche e Adorno observaram o aniquilamento da vida e diagnosticaram a automatização do mundo industrializado, que não deixou de empobrecer a formação, ambos, sem dúvida, em momentos históricos diferentes, perceberam a “naturalização da barbárie”, porém, ao fazerem suas diagnoses apostam na possibilidade crítica em outra forma de vida e formação para além da miséria instaurada. Assim, ambos se dirigem para aqueles audazes, buscadores e tentadores de novos mares.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO E HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ADORNO. W. Theodor. *Teoria da Semiformação*. Educação e Sociedade, ano XVII, n. 56, dezembro, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

NIETZSCHE, Friedrich. *Also sprach Zarathustra I-IV*. Kritische Studienausgabe Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari, Berlin, 1988.

_____. *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GIACCOIA JUNIOR, Oswaldo. *Entre o Caos e as Estrelas*. In: Revista: Impulso. Piracicaba/SP. vol. 12. n. 28, 2001.

_____. *Nietzsche*. São Paulo: Publifolha, 2001

MARTON, Scarlett. *Em busca do discípulo tão amado: Uma análise conceitual do prólogo de Assim Falou Zaratustra*. In: Revista Impulso. vol. 12, n. 28. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001.

MACHADO, Roberto. *Zaratustra: tragédia nietzscheana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.